

## **NA "SIMPLICIDADE" DO *ENTRE COSTURAS* A SOFISTICAÇÃO E DESTREZA RELACIONAL DE UMA DUPLA DE ARTISTAS**, por Alexandre Mate<sup>1</sup>.

Em 5 de setembro de 2024 foi a vez de a ruas dos Artistas, em Heliópolis, receber mais um espetáculo de rua, na "6a. edição da Mostra de Teatro Heliópolis: a Periferia em Cena". Em razão de uma frente fria que se aproximava da cidade de São Paulo, o dia estava cinza e com acentuado vento que refrescou uma sequência de dias sufocantemente quentes. Na rua citada, a dupla Musir (Guilherme Frattini) e Arguta (Christina Zanella) formam a Família Cotelê.

A entusiasmante Família Cotelê, de São Bernardo do Campo, foi criada em 2023 e dedica-se à criação de espetáculos de números, cuja estrutura básica tem estrutura nas obras circenses.

Inicialmente, tendo em vista que a rua (como todas as demais da comunidade de Heliópolis) ser estreita, a cena afigura-se frontal. A partir da organização espacial, já montada, e para buscar público, Musir conclama para que os transeuntes se aproximem. Muitas crianças aproximam-se do espaço representacional. No número das garrafas, Musir busca na lateral um novo local mais seguro para seu número.

Com desenvolvida potência de comunicação com o público, a dupla, que também assina a direção da obra, apresenta em seu espetáculo distintos números que, gradativa e entusiasticamente, vão ampliando a potência participativa do público. A sequência de números compreende um salto mortal, anunciado por Arguta, "do Bob" em uma bandeja; Musir se prepara... e, depois de certo suspense, ele coloca um cachorrinho na bandeja que salta, conforme o prometido. Musir equilibra e faz deslocar pelo seu corpo uma bola de vidro. Arguta roda distintos piões (de fieira). Arguta anda em uma minibicicleta, atravessando ao final, um arco de fogo. Musir apresenta um número - sofisticadíssimo e complexo - de equilíbrio: desloca-se com o uso dos pés em cinco garrafas, colocadas no chão; posteriormente, coloca uma cadeira em duas das garrafas, equilibrando-se; finaliza a sequência com a cadeira colocada em quatro garrafas e sustenta-se em outra cadeira, sobre a primeira. Para finalizar, Musir, sobre cacos de vidro, sustenta Arguta pelos pés.

Em tese, estou convencido de que se a dupla criasse uma determinada situação dramática, a obra mesmo com os números circenses/ variedade, provavelmente, tenderia a fazer com que o espetáculo ganhasse bastante.

Em tese, trata-se de um espetáculo cujo maior destaque, além dos números, cuja destreza de Musir é impressionante, evidentemente, centra-se na capacidade de "trazer" e manter o público ligado à obra.

---

<sup>1</sup> Nascido em Vila Anastácio (bairro operário da Zona Oeste da cidade de São Paulo); Mestre em Teatro e doutor em História Social (ambas as formações) pela USP; professor do programa de pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp; pesquisador e autor de textos sobre as práxis teatrais.